

Influxos da escatologia latino-americana na *Spes non confundit* do Papa Francisco

Influences of Latin American eschatology in Spes non confundit of Pope Francis

Abimar Oliveira de Moraes
Fabio Augusto Welter

Resumo

Na Bula de convocação do Jubileu Ordinário do ano de 2025 *Spes non Confundit* – A esperança não engana – o Papa Francisco nos recorda que caminhar na esperança para o encontro com o Senhor Jesus é a grande meta e sentido para a existência humana, pois apresenta à pessoa um horizonte de plenitude eterna e faz com que, na fé e na esperança, em gestos e escolhas, o seu caminhar presente seja iluminado. Crer na vida eterna é o ponto de apoio fundamental para fé cristã. A escatologia produzida em contexto latino-americano tem insistido que a fé professada deve estar relacionada com a busca de sentido para vida e para morte. Cultivada como virtude e buscada na fé, faz a vida mover-se ao encontro das situações desesperançadas para ser uma presença e uma missão de esperança. Por fim, o artigo busca indicar como tal contribuição da teologia latino-americana pode ser encontrada na Bula de proclamação do Jubileu de 2025. Quando, nas situações vivenciais de morte e sofrimento, a solidariedade, os gestos de amor animados pela fé forem os sinais do ressuscitado na vida das pessoas, a esperança será uma palavra que dá sentido para continuarem sua jornada.

Palavras-chave: Jubileu Ordinário 2025. Escatologia. Esperança cristã. Ressurreição.

Abstract

In the Bull calling for the Ordinary Jubilee of the year 2025 *Spes non Confundit* – Hope does not deceive – Pope Francis reminds us that walking in hope towards the encounter with the Lord Jesus is the great goal and meaning for human existence, as it presents to the person a horizon of eternal plenitude and ensures that, in faith and hope, in gestures and choices, their present journey is illuminated. Believing in eternal life is the fundamental support point for Christian faith. Eschatology produced in a Latin American context has insisted that professed faith must be related to the search for meaning in life and death. Cultivated as a virtue and sought in faith, it makes life move towards hopeless

situations to be a presence and a mission of hope. Finally, the article seeks to indicate how such a contribution from Latin American theology can be found in the Jubilee Proclamation Bull of 2025. When, in experiential situations of death and suffering, solidarity, gestures of love animated by faith are the signs of the resurrected in people's lives, hope will be a word that gives meaning to continue their journey.

Keywords: Ordinary Jubilee 2025. Eschatology. Christian hope. Resurrection.

Introdução

Ao proclamar o Jubileu ordinário de 2025, com o tema “Peregrinos de Esperança”, com a publicação da Bula *Spes non confundit*, o Papa Francisco apresenta-nos, nova oportunidade para refletir o quanto “a vida cristã é um caminho, que precisa também de momentos fortes para nutrir e robustecer a esperança, insubstituível companheira que permite vislumbrar a meta: o encontro com o Senhor Jesus”.¹ Caminhar na esperança para o encontro com o Senhor Jesus é, segundo o Papa, grande meta e sentido para a existência humana, pois apresenta à pessoa um horizonte de plenitude eterna e faz com que, na fé e na esperança, em gestos e escolhas, o seu caminhar presente seja iluminado.

Nesse caminhar, a vida humana não cede às dificuldades,² encontrando, inclusive, pela esperança, sentido para a morte. Já o Concílio Vaticano II afirmava:

Tal é, e tão grande, o mistério do homem [sic], que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai.³

O grande mistério e centro da fé cristã é a ressurreição. A ressurreição de Jesus Cristo lançou sobre a pretensão dos desejos humanos de imortalidade, uma nova e grande luz. A limitada condição humana, marcada pela morte, pode ser vista sob nova perspectiva. Os/as seguidores/as de Cristo professam crer na vida eterna. Essa convicção influencia a compreensão da vida e da morte. Na verdade, duas situações que, na perspectiva teológica cristã, mutuamente se iluminam. A *Gaudium et spes* afirmará:

É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança.⁴

Acreditar dá sentido à vida, dá sentido ao existir, e não apenas um sentido para o que vem depois da morte, já que Jesus afirmou que o “o Reino de Deus está no meio de vós!” (Lc 17,21). O reinado de Deus, levado à plenitude com a vida e ação histórica de

¹ *Spes non confundit*, n. 5.

² *Spes non confundit*, n. 3.

³ GS 22.

⁴ GS 22.

Jesus, já é uma realidade atuante: está presente em qualquer lugar ou em qualquer pessoa em que a ação de Jesus é continuada. Trata-se de uma experiência nova, realizada na força do Espírito Santo, que faz novas coisas e criaturas completamente novas.

Nesse sentido, a fé cristã entende que a salvação tem uma dimensão, também, de ato de resposta humana à vinda de Cristo. O ser humano, justificado pelo Senhor, ao ser tocado por esse encontro, vai se reconstruindo aqui e age como Cristo; vai crescendo para deixar-se plenificar no encontro definitivo com Ele. A salvação, enquanto resposta humana, se expressa, também, na relação com a sociedade, na perspectiva de trabalhar para transformá-la, fazendo com que a Parusia seja entendida, também, como um movimento contínuo de Deus que está sempre na direção do ser humano.

Para que isso seja possível, é fundamental compreender bem o que significa a fé cristã e o que os artigos de nossa fé querem expressar, para poder fazer esse movimento de, à luz da fé, viver uma aproximação criativa/performativa da vida e das pessoas e iluminar as situações de morte que nos rodeiam.

A *Gaudium et Spes* afirma que:

Se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero.⁵

O Catecismo apresenta a esperança cristã como “a virtude teologal pela qual desejamos (...) a vida eterna como nossa felicidade”,⁶ nessa mesma linha, o Papa Francisco afirma, na Bula de proclamação do Ano Santo de 2025, que o crer na vida eterna é um ponto fundamental de apoio para a esperança cristã.⁷ No presente artigo, motivados por essa afirmação da *Spes non confundit* do Papa Francisco, queremos fazer uma breve análise do artigo “creio na vida eterna” do Símbolo da fé cristã. Tal reflexão estará fundamentada no pensamento de Joseph Ratzinger expresso, sobretudo, em sua obra *Introdução ao Cristianismo*. O nosso objetivo principal é ponderar como a escatologia produzida em contexto latino-americano tem insistido que a fé professada deve estar relacionada com a busca de sentido para vida e para morte. Destacaremos, de modo especial, o exemplo das “mães procurando tesouros”, um grupo de mães com filhos desaparecidos pela violência institucionalizada pelo estado mexicano, retratada no livro de Carlos Mendoza-Alvares. A teologia latino-americana percorreu um caminho próprio, aonde a esperança cultivada como virtude e buscada na fé, faz a vida mover-se ao encontro das situações desesperançadas para ser uma presença e uma missão de esperança. Por fim, o artigo busca indicar como tal contribuição da teologia latino-americana pode ser encontrada na Bula de proclamação do Jubileu de 2025.

⁵ GS 21.

⁶ CalC n. 1817.

⁷ *Spes non confundit*, n. 19.

1. “Crer na vida eterna” segundo Joseph Ratzinger: considerações a partir da *Introdução ao Cristianismo*

Ao falar dos artigos do Símbolo da fé: “foi crucificado”, “desceu a mansão dos mortos”, “subiu aos céus”, Joseph Ratzinger oferecia alguns elementos significativos para uma nova apresentação da fé cristã, dando razões para o ser humano contemporâneo. Em suas crises e lutas, a pessoa humana hoje busca encontrar essas razões para seguir não apenas um “mistério transcendente”, mas as respostas fundamentais para sua existência concreta.

Em sua reflexão, Ratzinger primeiro convida a perceber que a própria imagem de Deus precisa ser redescoberta. Com o texto dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) oferece uma chave de leitura:

Os discípulos conversam sobre a “morte de sua esperança”. Apagou-se o ponto em que Deus finalmente parecia ter falado, agora estava morto e restava apenas o vazio. Enquanto falam da morte de sua esperança e do desaparecimento de Deus, não percebem que essa esperança está viva no meio deles, que “deus”, ou melhor, a imagem que tinham formado de suas promessas, devia morrer para poder viver num sentido maior. Era necessário que essa imagem distorcida que tinham feito de deus fosse destruída, para que pudessem ver novamente.⁸

Deus não morreu. O que morreu foi uma imagem que eles possuíam a partir de uma tradição teológica que lhes tinha sido apresentada. Mas o que é a morte? Há algum sentido na condenação injusta e execução vergonhosa de Jesus? Que sentido tem a morte violenta dos que tombaram pela causa da justiça e da liberdade? Todos estamos do lado de cá da morte, de modo que não conhecemos a experiência dela. É no sentido da morte de Jesus na sua crucificação que encontraremos sentido para a morte injusta de inocentes.

Encontramos uma indicação quando Ratzinger fala do grito de Jesus na cruz “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15, 34). O grito de Jesus faz referência à primeira linha da oração do salmista (Sl 21,2). O salmista destaca, inicialmente, de maneira comovente, a aflição e a esperança do povo escolhido por Deus que se sente abandonado. Desse tormento do abandono e de certa escuridão sem Deus, deriva um louvor à grandeza de Deus. Ratzinger justifica que todos esses elementos que compõem o salmo estão presentes no grito de Jesus. Trata-se, portanto, de uma oração que se levanta das profundezas do drama da cruz, lugar da ausência aparente de Deus:

O Filho conserva a fé mesmo no momento em que a fé parece ter perdido o seu sentido e em que a realidade terrena proclama o Deus ausente, mencionado aliás propositadamente pelo primeiro ladrão e nos insultos da multidão. O grito de Jesus não se refere à vida e à sobrevivência, nem a si mesmo, mas ao Pai. Seu grito enfrenta a realidade do mundo inteiro.⁹

Nesse grito de Jesus podemos encontrar a essência daquilo que quer dizer descida de Jesus e participação do destino da morte do ser humano. Na oração de Jesus, encontramos o abandono total, onde ele está sozinho. A solidão é o âmbito do medo que

⁸ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 218.

⁹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 219.

nasce da sensação de abandono de um ser que precisa ser, mas que é expulso para o impossível. Para Ratzinger: “o medo essencial do ser humano não pode ser superado pelos argumentos da razão e sim pela presença de alguém que ama”.¹⁰

É ali, onde a existência parece chegar à escuridão e solidão mais profunda – a mansão dos mortos – que a morte de Jesus introduz o sentido fundamental para nossa vida, já que, atravessou a porta da nossa solidão extrema quando, na sua Paixão, afundou-se no abismo de nossa sensação de abandono. Onde já não se faz ouvir nenhuma voz, lá está Ele. Com isso, o inferno está vencido, ou melhor: a morte, que antes era o inferno, não existe mais. Ratzinger chega a essas conclusões ao observar que o Antigo Testamento só usa uma palavra para falar de inferno e de morte – *sheol*. A morte é a solidão por excelência. A solidão em que o amor não consegue penetrar é o inferno. Dessa forma, em Jesus, morte e inferno deixaram de ser a mesma coisa, porque em meio a morte passou a existir vida, porque agora o amor mora em seu meio. A morte, porém, já não é o caminho para a solidão gélida, pois as portas do *sheol* estão abertas (Mt 27,52), a porta da morte está escancarada desde que a vida, o amor, passou a habitar na morte.¹¹

O mesmo que foi crucificado e desceu a mansão dos mortos é o que ressuscitou. Ratzinger argumenta sobre a ressurreição a partir do livro do Cântico dos Cânticos: “forte como a morte é o amor” (Ct 8,6). Essa expressão no contexto de louvor ao poder do Eros no Antigo Testamento pode nos ajudar a entender o paradoxo interno do amor: o amor exige infinidade, indestrutibilidade, ele é um verdadeiro grito pelo infinito. Mas continua sempre um

Grito irrealizável que exige infinidade, mas não pode dá-la; o amor requer eternidade, mas está inserido no mundo da morte com a sua solidão e seu poder destrutivo. É partindo desse contexto que se pode entender o que significa a ressurreição. Ela é a força maior do amor diante da morte.¹²

Jesus não buscou a cruz e nem a morte pelo sofrimento. O seu amor total para com o ser humano, que o leva à cruz, se completa na superação total em direção ao Pai, tornando-se assim mais forte do que a morte, porque dessa maneira passa a ser sustentado totalmente por Ele. Nele, o amor constitui imortalidade, e a imortalidade provém exclusivamente do amor. Aquele que amou por todos constitui também a imortalidade para todos. E se revela na sua inteligibilidade e novidade nos encontros com os discípulos e discípulas:

Os relatos da ressurreição são mais do que cenas litúrgicas mais ou menos bem disfarçadas: eles tornam visível o fundamento sobre o qual se ergue toda a liturgia cristã. Eles testemunham um novo fato que não brotou do coração dos discípulos, mas que chegou a eles de fora, que se apoderou deles contra as suas dúvidas e os fez ter a certeza de que o Senhor ressuscitou realmente. Aquele que está no túmulo já não está lá ele vive – e é realmente ele próprio. Ele que passara ao outro mundo de Deus mostrou-se suficientemente poderoso para mostrar-lhes de forma palpável que era ele mesmo que se encontrava na frente deles, que

¹⁰ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 221.

¹¹ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 222.

¹² RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 223.

nele o poder do amor se revelara realmente mais forte do que o poder da morte.¹³

Mas, ressuscitou e foi para onde? No artigo de fé “subiu aos céus”, começamos a perceber a contribuição muito importante dada por Ratzinger para viver uma escatologia no aquém. A partir da crítica de Bultmann, a visão tripartite do mundo (que podemos chamar mítica) está superada. “Tanto faz, em cima ou embaixo, o mundo é sempre apenas mundo, é sempre regido pelas mesmas leis da física e pode ser estudado sempre da mesma maneira. Não é um mundo de três andares”.¹⁴ Ele segue aprofundando a reflexão se perguntando se o enunciado de fé sobre a descida a mansão dos mortos e subida aos céus estava mesmo falando dessas categorias míticas, mesmo que fosse essa visão do mundo que servia de base para a imaginação das pessoas. Diz que o ponto central da questão é outro: “juntamente com a profissão de fé no Jesus histórico, as duas frases exprimem, isso sim, a dimensão total da existência humana que não abrange três andares cósmicos e sim três dimensões metafísicas”.¹⁵ Insistir no anúncio dessa verdade fé que o “céu está lá no andar de cima”, num mundo em que já superou essas categorias cósmicas, gera a visão em que tudo é relativizado e que ninguém queira confiar seriamente, quando não uma mentalidade dicotômica de separação entre o terreno e o celeste.

Na oração de Jesus já percebemos que Jesus pretendia orientar o nosso olhar para a profundidade da existência humana que avança até o abismo da morte, até a região da solidão intocável e do amor recusado. Inferno significa assim, existência na recusa definitiva do ser em prol de (que foi a caracterização fundamental que Ratzinger utilizou para falar da vida de Jesus), não é uma determinação cosmográfica e sim uma dimensão da natureza humana, o abismo que faz parte dela. Daí que as expressões inferno e céu não são lugares, mas referem-se à extremidade da existência humana: o inferno na extremidade do fechamento total no eu que recusa receber algo de outro por ter a pretensão de ser totalmente autárquico, querendo bastar-se a si mesmo; céu é a extremidade de quem está totalmente aberto a receber e ser dependente. Sendo amor realizado, o céu só pode ser dado ao ser humano. Assim, “céu” e “ascensão de Jesus ao céu” estão intimamente ligados.

O céu deve ser definido como a interface entre o ser homem e o ser Deus; essa união de Deus e do homem se deu de maneira definitiva em Cristo quando transpôs o *bios* passando pela morte a uma vida nova. O céu é, portanto, aquele futuro do ser humano e da humanidade que esta não é capaz de dar a si mesma e que, por isso mesmo, fica fechado para ela enquanto está voltada só para si mesma; mas esse futuro se abriu pela primeira vez de forma fundamental naquele ser humano, cujo lugar existencial era Deus e pelo qual Deus entrou no ser humano.¹⁶

Assim, o que move o ser humano não é a espera do “fim do mundo”, mas de deixar-se envolver pela força do amor que ultrapassa a realidade visível e daí, em Jesus, isso tudo já começou. Esse enunciado do artigo da fé “decisivo para o entendimento do além da existência humana, é igualmente decisivo para o entendimento do lado de cá dessa

¹³ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 228.

¹⁴ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 229.

¹⁵ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 229.

¹⁶ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 230.

existência, isto é, para a questão da junção entre o aquém e o além, ou seja, a questão da possibilidade e do sentido da relação do ser humano com Deus”.¹⁷

2. Uma reflexão escatológica sobre o aquém: alguns deslocamentos na teologia latino-americana

Como compreender a escatologia como uma relação entre revelação e salvação na história? Se em Jesus Cristo tudo isso já começou, porque por seu amor que é mais forte que a morte e como total abertura ao amor do Pai, que no seu amor o Ressuscitou, podemos fazer uma escatologia do aquém, percebida na imanência, não apenas para o além da morte, mas num processo de construção histórica. A *Gaudium et spes* nos recorda que o ser humano “associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança”¹⁸. A esperança cristã ilumina a missão da Igreja na transformação do mundo, aponta o caminho concreto para encontrarmos a salvação situada no mundo e na história. Por isso, a presença no mundo exige uma transformação dessa realidade que é tocada.

Leonardo Boff, refletindo sobre o mistério pascal, nos recorda que o Cristianismo tem algo singular a testemunhar: “a ressurreição como uma antecipação do fim bom do universo e a irrupção dentro da história ainda em curso do ‘*novissimus Adam*’ como São Paulo chama a Cristo: o “Adão novíssimo”. Portanto, não é a saudade de um passado, mas a celebração de um presente”.¹⁹

Como crer na ressurreição num culto que se esvazia e não tem mais palavras para iluminar a realidade do sem sentido, da morte do justo inocente, das perseguições, da vitória dos mais fortes? Falar da ressurreição é lançar luz na força potencializadora dos insurgentes que pela memória da ressurreição de Jesus histórico encontram força para fazer memória dos que já se foram hoje e que não estão mortos, apenas distanciados fisicamente. Boff é taxativo ao recordar que

A ressurreição de Jesus mostrou que Deus tomou o partido dos vencidos. O algoz não triunfa sobre sua vítima. Deus ressuscitou a vítima e com isso não defraudou nossa sede por um mundo finalmente justo e fraterno que coloca a vida no centro e não o lucro e os interesses dos poderosos. Só ressuscitando os vencidos, fazemos justiça a eles e lhes devolvemos a vida roubada, vida agora transfigurada. Sem essa reconciliação com o passado perverso, a história permaneceria um enigma e até um absurdo.²⁰

A partir do horizonte último – *o eschaton* – a teologia latino-americana passa a olhar situações concretas que exigem certa plenificação. Que são as últimas coisas e quem são os últimos? Situações e rostos, como são e onde estão. Situações que não permitem abstrações sobre as pessoas, mas olhando concretamente quem é e onde está, o que sofre e o que necessita. É assim que é possível entender as situações concretas e vivenciais e descobrir novos caminhos, novas saídas, dando vida a esperança cristã em atitude

¹⁷ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 236.

¹⁸ GS 22.

¹⁹ BOFF, L., Ressurreição como insurreição.

²⁰ BOFF, L., Ressurreição como insurreição.

performática.

Nessa perspectiva, Mendoza-Alvarez apresenta o exemplo das mães centro-americanas e mexicanas “procurando tesouros”. A obra dedica-se a relatar histórias e vidas concretas, como por exemplo, a de Maria Herrera. “Maria Herrera viu desaparecer seus quatro filhos na guerra do governo federal e do crime organizado. Há uns dez anos, ela procura sem descanso. A dor pela ausência delineou em seu rosto uma contração permanente de sofrimento”.²¹ Uma insuportável ausência que Maria não se resigna aceitar. Com o único filho que lhe sobrou (seis filhos desapareceram por ação de militares) Juan Carlos Trujillo, ela percorre os territórios onde familiares de outras pessoas desaparecidas encontraram fossas clandestinas. Apresentam-se em juizados e marchas, universidades e foros acompanhando mães e familiares para falar de suas histórias.

O testemunho do filho Juan, que Mendoza recupera, é iluminador, porque é a fala de alguém que aprendeu a fazer um caminho, inspirado na mãe que manteve a fé:

Nessa etapa eu tinha perdido a esperança, encontrava-me morto em vida. Foi minha mãe quem manteve a fé; ela nos sugeriu participar do Movimento pela paz em 2011. Aproximarmos desse grupo renovou nossas forças, reconhecer nossa dor em outras pessoas permitiu-nos curar-nos também um pouco.²²

Nasceu assim um movimento de familiares em busca, uniram a dor e a sua esperança a outros familiares de desaparecidos. O testemunho de Juan, demonstra como ele passou da dor à esperança graças ao inaudito testemunho de sua mãe e à confiança depositada neles por outros familiares:

Eu comecei a fazer isso pelos meus irmãos, neste caminho percebi que proporcionar esperança e resultado a outros, também me fortalece. As pessoas encontram em minha mãe esperança, depositam em sua figura sua confiança. Quando se apresenta um caso ela sempre responde: “vamos ajuda-los” e o fazemos. Ajudar é o nosso motor, nos dá a confiança de que vamos por bom caminho, avançamos compartilhando as experiências de outras pessoas.²³

Foi desse movimento de partilha e irmanação que brotaram de um lado, a consciência política dos grupos de familiares de pessoas desaparecidas e, de outro, a espiritualidade de confiar no Deus de Jesus que fará justiça, salvará desse absurdo silêncio e satisfará um dia seu anseio de vida plena. Da história de uma família de sobreviventes desmembrada, envolvida na dor, indignação, pranto, raiva, depressão e anseio por justiça, da partilha de sua dor e da experiência concreta de solidariedade com as dores das pessoas ao seu redor, foi possível a transformação de histórias de morte que, pela resiliência das pessoas sobreviventes, convertem-se em antecipações de vida.²⁴

Vemos assim, a possibilidade de encontrar na experiência os caminhos da esperança humana que apontam para a verdadeira vida, e entender assim a ressurreição

²¹ MENDOZA-ÁLVAREZ, C., A ressurreição como antecipação messiânica, p. 62.

²² MENDOZA-ÁLVAREZ, C., A ressurreição como antecipação messiânica, p. 63.

²³ MENDOZA-ÁLVAREZ, C., A ressurreição como antecipação messiânica, p. 63-64.

²⁴ MENDOZA-ÁLVAREZ, C., A ressurreição como antecipação messiânica, p. 64-65.

como palavra de esperança, onde ela parece ter morrido. A ressurreição de Jesus manifesta-se na memória que seus discípulos e discípulas fazem como forma de testemunhar que a morte não tem a última palavra. A memória das vítimas da injustiça é uma forma de lhes fazer justiça, tornando-os participantes da vida nova trazida pela Ressurreição de Jesus.

Para a teologia latino-americana, jogar a vida eterna para amanhã, para depois, é uma negação que fazemos do Evangelho: o ressuscitado se antecipa na história e essa antecipação nos obriga a viver de um jeito diferente. Fazer hoje não é negar o poder de Deus no futuro, ou querer fazer por Ele, porque somos frágeis e limitados, mas vivemos essa experiência aqui e agora. Lutar pela justiça, não quer dizer que eu sou justo o suficiente, mas que caminho e colaboro.

Não se vive para a morte e sim para a vida. Viver é também conviver com a ideia de que tudo, agora ou mais tarde, acabará. A morte se faz presente em cada instante da vida. O comportamento evangélico da vigilância fundamenta assim uma ética do discernimento: quem espera o Senhor sabe que é chamado a viver responsavelmente cada ato na presença de seu Deus.

Para a escatologia latino-americana, é preciso viver essa espiritualidade que procede das chagas do corpo social ferido como uma experiência de dignidade, com resiliência e esperança, marcada pelo amor compassivo. Isso possibilitará toda profundidade, verdade e esperança na vida resgatada do relato bíblico da ressurreição. A vítima não foi esquecida; a memória é fonte de vida nova. Como ressalta Mendoza-Alvares, professar a fé na ressurreição é “promover assim a esperança na possibilidade de um futuro para toda a humanidade”.²⁵ Vivendo assim, a fé cristã pode “responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas”.²⁶

Isso leva ao encontro de esperanças nesses diversos contextos lidos nessa nova perspectiva. Fugir de leituras adocicadas da Bíblia são possíveis nos círculos Bíblicos, onde as pessoas reunidas para iluminar sua vida pela Palavra de Deus, põe a cabeça pra funcionar numa atitude protagonista e não apenas passiva e receptora de algo pronto. Trabalho cooperativo, experiências coletivas, entidades que nascem do senso fraterno e de cuidado das pessoas expressam muito bem essa esperança cristã que é ativa:

A esperança cristã não é uma esperança passiva, mas ativa; é uma esperança que atua na história, que mobiliza o contexto em que se encontra e procura fazer com que o Reino de Deus já aconteça em seu meio. Fortalece-se pela promessa, mas inquieta-se por uma realização. Aspira para *o ainda não prometido*, mas coloca-se em serviço, em missão, já neste mundo. Esta ação que vem de Deus em nosso favor, que por graça nos antecipa o seu futuro, o futuro do seu Reino, provoca em nós, enquanto comunidade de fé, um movimento na sua direção; provoca-nos a um impulso novo e transformador. Deus vem até nós com o seu futuro e caminhamos em sua direção como resposta de fé, vivendo em esperança e agindo no amor. Este futuro de Deus que vem em nosso favor, quando acolhido na fé, compromete-nos em missão e no anúncio dessa esperança.²⁷

²⁵ MENDOZA-ÁLVAREZ, C., A ressurreição como antecipação messiânica, p. 22.

²⁶ GS 4.

²⁷ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 75.

Considerações finais

Na Bula *Spes non confundit*, é possível perceber certos influxos dessa escatologia do aquém latino-americana, uma vez que a esperança é apresentada como um movimento fundamental: “pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido da vida”²⁸, como ressalta o Papa Francisco. É a força que ajuda a construir um outro mundo possível, um imaginário crítico e criativo, assumindo uma verdadeira atitude esperançada, descobrindo a esperança nos sinais dos tempos, que o Senhor oferece, e interpretando-os à luz do Evangelho.²⁹

De forma significativa, a Bula de proclamação do ano Jubilar de 2025 tira consequências para o agir cristão: saber que a vida é feita de alegrias e sofrimentos; que o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades e a esperança parece desmoronar-se diante do sofrimento; que a tribulação e o sofrimento são as condições típicas de todos aqueles que anunciam o Evangelho em contextos de incompreensão e perseguição. Essas afirmações animam as atitudes de ir ao encontro do outro como uma luz: “descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo”.³⁰

A esperança não é somente a espera de um bem futuro, mas é antecipação das coisas futuras prometidas e já doadas pelo Senhor. Citando o Carlo Maria Martini, Rodolfo Weber afirma:

Na esperança, o hoje se abre para o horizonte da eternidade e a eternidade vem colocar as suas tendas no hoje; graças à esperança, o tempo quantificado (que nunca nos é suficiente, que é sempre muito pouco) torna-se tempo qualificado, hora da graça, tempo favorável, hoje da salvação, momento degustado na paz.³¹

Para o Papa Francisco, a pessoa humana, sobretudo a pobre, não sofre a cruz como alguém vencida pelo mal, derrotada pelo absurdo. Uma esperança final ilumina a experiência dolorosa. A esperança cristã consiste precisamente nisto: face à morte onde tudo parece acabar, através de Cristo e da sua graça que nos foi comunicada no Batismo, recebe-se a certeza de que “a vida não acaba, apenas se transforma” para sempre, como rezamos no prefácio para os defuntos.³²

O compromisso com a vida presente, humanamente digna, faz com que o Papa, invoque uma mudança de comportamento na relação com as riquezas:

Invoco a esperança para os milhares de milhões de *pobres*, a quem muitas vezes falta o necessário para viver. Face à sucessão de renovadas vagas de empobrecimento, corre-se o risco de nos habituarmos e resignarmos. Mas não podemos desviar o olhar de situações tão dramáticas, que se veem já por todo o lado, e não apenas em certas zonas do mundo. Todos os dias encontramos pessoas pobres ou empobrecidas e, por vezes, podem ser nossas

²⁸ *Spes non confundit*, n. 5.

²⁹ *Spes non confundit*, n. 7

³⁰ *Spes non confundit*, n. 4.

³¹ WEBER, R. L., *Eu creio na vida eterna*.

³² *Spes non confundit*, n. 20.

vizinhas de casa. Frequentemente, não têm uma habitação nem alimentação suficiente para o dia. Sofrem a exclusão e a indiferença de muitos. É escandaloso que, num mundo dotado de enormes recursos destinados em grande parte para armas, os pobres sejam “a maioria (...), milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e económicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se coloquem como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar”. Não esqueçamos: os pobres são quase sempre vítimas, não os culpados.³³

De outro modo, a esperança estará comprometida, pois ela nos desafia a escolher entre Deus e o dinheiro (Lc 16,9-13), entre humanidade e desumanidade. Para Francisco, a celebração do Jubileu da Esperança é oportunidade para que tantos aprendam alguns elementos já presentes na escatologia do aquém latino-americana. A Bula não se preocupa somente com a libertação dos pobres, mas também dos ricos. De fato, na libertação cristã, esses dois elementos são indissociáveis. Por isso, ele não exclui os ricos, mas os convida a olhar para os lados negativos da riqueza:

O Jubileu lembra que os *bens da terra* se destinam a todos, e não a poucos privilegiados. É preciso que seja generoso quem possui riquezas, reconhecendo o rosto dos irmãos em necessidade. Penso de modo particular naqueles que carecem de água e alimentação: a fome é uma chaga escandalosa no corpo da nossa humanidade, e convida todos a um rebate de consciência. Renovo o apelo para que, “com o dinheiro usado em armas e noutras despesas militares, constituamos um Fundo global para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura duma vida mais digna”. Outro convite premente que desejo fazer, tendo em vista o Ano Jubilar, destina-se às nações mais ricas, para que reconheçam a gravidade de muitas decisões tomadas e estabeleçam o *perdão das dívidas* dos países que nunca poderão pagá-las. Mais do que magnanimidade, é uma questão de justiça, agravada hoje por uma nova forma de desigualdade de que se vai tomando consciência.³⁴

Em favor da esperança, o Papa indica que a riqueza danifica a vida dos ricos e dos pobres. Ancorados na esperança, temos necessidade de uma nova relação com a riqueza que seja capaz de fazer acontecer o reinado de Deus já aqui e agora. Um reinado de amor no qual no reconhecemos todos irmãos e irmãs numa única humanidade e na promoção de vida humanamente digna já aqui e agora.

Nesse sentido, para o Papa Francisco, o núcleo mais íntimo da fé cristã não é a política, mas a esperança. Quem crê está em comunhão com o Deus da Vida, mergulha no mistério, está ancorado nele, por isso, sua esperança não cede nas dificuldades.³⁵ A esperança aponta para o amanhã, mas também, para o mistério de Deus que em Jesus tornou-se um de nós e, na força do Espírito Santo, permanece presente entre nós. No contexto, do aprofundamento teológico elaborado na América Latina, Escatologia e

³³ *Spes non confundit*, n. 15.

³⁴ *Spes non confundit*, n. 16.

³⁵ *Spes non confundit*, n. 3.

político se coligaram, fazendo com que a esperança cristã trouxesse consigo uma dimensão política em favor dos pobres.

Nesse sentido, ao apresentar na Bula de proclamação do Jubileu de 2025, a relação entre esperança e transformação do contexto atual, o Papa não o faz exclusivamente a partir de um imperativo ético, mas porque, em certas linhas de sua teologia mística e política não se dissociam, assim como não se dissociam na teologia latino-americana. *Spes non confundit* é outro espaço onde Francisco deixa transparecer o quanto acredita que a verdadeira experiência de fé habilita de maneira conatural ao agir politicamente. Estamos de tal modo ancorados na esperança que entendemos que a política não é uma realidade estranha à fé cristã, mas sim, um dos seus frutos mais preciosos.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Leonardo. **Ressurreição como insurreição**. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2012/04/07/a-ressurreicao-como-insurreicao/>>. Acesso em 18 de nov. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

FRANCISCO, PP. *Spes non confundit*: Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html>. Acesso em 11 de jun. 2024.

KUZMA, Cesar. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica**: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

PAGOLA, José Antonio. **É bom crer em Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2005.

WEBER, Rodolfo L. **Eu creio na vida eterna**. Disponível em: <<https://www.cnb.org.br/eu-creio-na-vida-eterna-2/>>. Acesso em: 18 de nov. 2023.

Abimar Oliveira de Moraes

Doutor em Teologia pela Università Pontificia Salesiana de Roma – Itália
Professor Associado 1 no Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio
Coordenador Adjunto dos Programas de Pós-graduação Acadêmicos da Área Ciências da Religião e Teologia da CAPES

Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: abimar@puc-rio.br

Fabio Augusto Welter
Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral, no Programa de Pós-Graduação da PUC-
Rio
Foz do Iguaçu / PR – Brasil
E-mail: pe.fabio.foz@gmail.com

Recebido em: 17/06/2024
Aprovado em: 22/10/2024